



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro etc,
Comp., rua d'Alfaudega n.º 135.— Assigua-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 28 DE MARCO DE 1852

DIA 25 DE MARÇO

Vi sacudir raiçoza a madrugada
 Da noite o manto escuro,
 Sumirão-se as estrellas,
 E palida a lua se baloiçava ainda,
 Inclinada ao poente,
 Buscando o leito pelo orvalho frio,
 Indolente e cançada.
 Que pressa tem o dia
 Em ostentar magestoso as gallas suas?!
 E' que este duas vezes mais pomposo,
 Merece as honras do acordar primeiro.
 De Março o ~~25~~ Vinte e cinco
 Em que a terra de Cabral constituiu-se
 Jurou a lei que a rege,
 E quando a commemora,
 Annuncia da Virgem Sacrosanta
 O Dia assinalado.....

E' assim que a natureza recebe as festas da terra sua predilecta, e que o Deos abençoa sempre aquella que traz o nome da CRUZ.

Era assim tambem que os homens se devião apresentar. Cada um bem podia cheio de entusiasmo por tão grandiosos motivos sentir dentro d'alma o enlevo da Graça.

E todos conjunctos offerecerem a fè por galardão perante Deos, e o amor por homenagem real ao seo Soberano.

Conta mais um anno a Nação constituida, e a sua sociedade ainda ratifica a lei da união. O christianismo saúda mais uma vez a — annunciaçāo da Virgem.

Mas a sociedade está dividida, e os homens corrompidos! só o Ceo e a terra são sempre os mesmos.

Dous e diversos são os motivos; sagrado e profano. Dous exercitos empunhando os estandartes vão correndo, ostentando gallas, saudar o dia 25 duas vezes pomposo.

O Civil serca o Monarcha, curva-se a lei, e deffende a Sociedade. O eclesiastico enche os templos, entoa os hymnos de paz, e louva o Senhor.

A hypocrisia rege a ambos!

Qual delles devotado e submisso sente no coroçāo o fogo ardente do entusiasmo! — o profano pela Lei e pelo povo, e o Clero pela Virgem mãe de Deos?

E são uns os homens da Sociedade e da Lei, e são outros os servos da Igreja!

Uns porque o poder os arrasta, outros porque o interesse os chama. Os primeiros, precisão sujeitar-se para illusão, os segundos precisão ostentar para illudir.

E nenhum é levado pela tendencia natural. A fè não os domina.

E nenhum se serve do espirito para a verdade! já não tem crenças....

O bem geral é o amor da propriedade. O amor do proximo e a charidade, é a segurança do interesse pessoal. A razão serve de fonte aos dilemas da hypocrisia, e a expressão representa a traição e o sinismo, illuminados pelo inferno.

A civilisaçāo é a capa da corrupção e da infamia.

Assim foi desditoso na pesquisa

O dia no acordar.

Sobre as desgraças que lamento agora

Chorou a noite inteira!

Para que quiz mostrar seo rosto meigo

A gente já vendida?

Luzio acaso o sol, brilhou qual ouro

Aos olhos da cubica?
Ao peito d'um so homem por acaso
A honra foi tocar lhe?
No meio dessa pompa os brios patrios
Ferverão por ventura?
Ou n'um só coração palpita aceso
A crença de Jezus mesmo inda agora?

Não; porque mudarão-se as coisas com o mudar dos tempos. O homem acompanha as estações, e os dias; as sociedades os séculos, é o progresso (dizem) acompanha o futuro! Só para nós é outra a forma do quadro.

Hoje que ainda todos estão verdes já lhes fatiga o corpo e peza o espírito no sacrifício de Louvar a Deos. Não conhecem nem sentem o que é mãe—Patria.

Vivem na escuridão! o ferro e cego;
Os homens se apunhalão!
Elles irmãos já fôrão,
Hoje vivem perdidos, dispersados,
Por negra excommunhão!
Só lhes resta indefesa a propria vida,
O amor de si mesmos!

Christãos, e BRASILEIROS! e ainda assim, nem todos, em um dia como este, ficão exaltados pela fé na Religião que professão, e se enchem de gloria pela independencia e pela Constituição que jurarão!

Maus filhos! degenerados talvez pelas raças!....não pertencem a grande família.

E nehum procura conhecer-se, para conhecer suas faculdades! já não ha confiança.

Um castigo talvez!... a mão de fado
Agora denegrida,
Horrores sobre horrores, nos prepare,
E o futuro de rozas
Outr'ora promettido!
Trocando vamos nós pelos expinhos.
E essas delicias pela patria esperadas!
Iremos encontrar apôs ruínas!

(Continua.)

RIO DE JANEIRO A' S. PAULO.

(Continuado do n. 18)

Antes de amanhecer estavamos à vista de S. Sebastião, no canal entre o continente e a ilha do mesmo nome; também muito elevada. Quando sahiamos do estreito, já o sol doirava as ilhas afastadas a extrema do mar, e os cabeços das serras ao longe.

Entramos à barra de Santos a uma hora da tarde, e ouvimos logo o grito da fortaleza que nos pedia as informações do estilo. Lá avistamos o local de S. Vicente, onde se estabeleceu Martim Affonso de Souza com o soccorro dos naturaes do paiz, que hemos visto em toda a parte prestar auxilio aos Portuguezes, e serem depois exterminados por um espirito de cobiça, que ainda dura até mesmo em Brasileiros de hoje....

Seguimos o pequeno braço de mar, que conduz à cidade, e dentro em pouco estavamos ancorados. Vista de fóra, a cidade de Santos apresenta um aspecto pobre: miseraveis cazinhas situadas a beira mar, um caes immundo sem gosto, sem ordem, e arruinado; uma pequena ponte para os desenbarques da alfaudega, e mais ao longe algumas torres, onde não entrou pensamento de artista, e os montes onde negros quasi sobre a povoação, é tudo quanto apresenta ao viajante a cidade de Santos vista de longe. Tem entretanto algumas ruas alinhadas, e suas casas, se não elegantes, ao menos convenientes. E' entreposto de grande comércio: a cidade é continuamente iuvadida por uma imensidate de tropeiros, que descem da serra com generos de toda a província; o que mais ou menos da-lhe um certo ar de vida que falta ás nossas pequenas povoações de beira mar.

Mas é força confessar que podia estar muito mais adiantada. E' antiga e tem proporções para enriquecer. E' um dos pontos mais comerciantes da costa meridional, está bem situada, e a não ser pelo clima quasi tão quente como o do Rio de Janeiro, e pela pouca demora na cidade das mercadorias da província, não se poderá explicar o estado de miseria a que está hoje reduzida. Quasi por toda a parte casas velhas; igrejas talvez ainda do tempo dos primeiros Jezuitas; e aqui ou alli uma pedra cahida, uma muralha aberta, ou um telhado ameaçando ruina.

A's 10 horas da manhã do dia 9, montamos a cavallo, e partimos pela estrada que conduz ao Cubatão. São excellentes as estradas de S. Paulo: já nisso esta província é superior a do Rio de Janeiro. Uma multidão de *tropas*, carregados de todos os generos da província, descem a cada passo da serra, guiados por meia duzia de caipiras. O caixeteiro é um homem nobre. Veste-se muito á *negligé*,

tendo sempre por companheira de viagem a sua enorme faca, muitas vezes deluxo, cruzada à cinta. Humilde e cortez ao ultimo ponto, é elle o primeiro a comprimentar o viajante, mas quer que lhe correspondão e que não escarneção delle. Tem-se visto que um leve surriso de zombaria é uma ou outra vez motivo sufficiente para serias desavenças e pode acontecer que a lamina da sua faca brilhe sinistramente em seu braço de sertanejo. E' entretanto muito facil: falta-lhe a civilisação, porem tem todos os sentimentos henerosos de uma alma sem vicios. O nome de patrício é para uma bella saudação ... Boa gente, que por toda a parte gosta de achar irmãos.

Começamos a subir a serra do Cubatão, e desde logo se nos for apresentando as mais variadas scenas. O que nos ferio logo a curiosidade foi uma certa flor, que nasce mesmo a beira da estrada. De manhã abre as suas cinco petalas todas brancas; e depois como que envergonhando-se aos beijos do sol, vaise corando e fica de uma bella cor arroxada. De um lado e outro ha grandes arbustos desta flor, e o mais mimoso é que o mesmo galho tem um encantador matiz de flores brancas e roxas.

De certa altura da serra quasi que parava-mos extacticos a contemplar as inumeras cascatas que descem muito do alto com suas agoas de cristal, de um frio de gelo, a quebrarem-se pelas pedras, se desligarem-se pelas rochas, e a irem-se perder lá no fundo do abysmo com um sussurro esmurecido. — O viajante que pára ao pé de uma destas cascatas, senti como que um frio coar-lhe até os ossos, correr lhe pelo sangue, pela finissima saraiva produzida pelo bater d'água nas pedras e nas folhas. E depois goza-se ahi de uma atmosphera tal, de um ar tão embalsamado, que se parece estar em um estado vaporoso, de embriaguez, de sonho, exilado do mundo, só com aquelle expectaculo arrebatador de uma maravilha da natureza.

Mas em um volver de olhos muda-se o quadro; de um lado uma montanha quasi ameaçando queda sobre os passageiros e em cuja borda elevâo-se grandes arvores com suas immensas raizes fora da terra, como serpentes enroscadas pela serra; de outra, um despenhadeiro horrivel, cujo fundo se não pode medir com a vista, e onde brame enfurecida a carrente que desaba do alto dos montes, e vai em nuvem de espuma arrebentar-se nos rochedos, espraiar-se, e perder-se lá muito em baixo com um som rouco e cavernoso. Do fundo do abysmo sahe um vapor denso, que paira pela folhagem de enormes madeiros, agitada constantemente por um vento frio. Aqui ve-se uma rocha quasi desabando, alli uma arvore lascada, e alem — muito alem o infinito do oceano. E' tudo um espectaculo sublime, um bello horrivel, um desconcerto, ou antes uma monstruosidade que arrebata!

Continúa.

GLOZA

Ainda que me lembresse
De ir parar à Turquia,
Eu o motte glozaria
Custasse o que me custasse.

Sr. Magico, não m'embace;
Veja bem, tome sentido,
Se o premio for engolido
A exemplo da Marmota
Protesto contra a patota;
Um premio foi prometido.

O autor dos entremeses,
Desse engraçado jornal,
Uma questão quasi igual
Propoz, não há muitos mezes.
Cahirão logo os freguezes,
E tambem fui contemplado,
O bâo apâlermado
Disse cobras e lagartos,
Os freguezes forão fartos,
Mas alguéin ficou logrado.

Eu não estou p'ra me matar,
Fazendo mil caramunhas,
E até roendo as unhas
Sem proveito algum tirar.
E depois de me causar
Alguem dizer — espichou se! —
O Diniz sim, esmerou-se,
Teve a lembrança feliz
Dos gatos fazerme — X —
Na questão que ventilou-se.

Com a gaita promettida,
Não arranja beneficio,
Sabe que mais?... outro officio...,
Veja outro meio de vida.

Essa promessa é singida,
Não quero ser caurinado,
Como o fui o anno passado
Em negocio semihante,
Nessa questão tão maçante
Entre o solteiro e o casado.

MOTTE

Sr. Redactor do *Magieo*, queira publicar o segulnte :

Um premio foi promettido,
Mas alguem ficou logrado,
Na questão que ventilou-se
Entre o solteiro e o cazado.

Sim senhor, bem certo estou,
E tambem muito zangado
De me ter tão ocupado
Na marmota que logrou.
Que dos poetas ceifou
O tempo mal conseguido,
Ficando eu compromettido
D'um Diccionario ganhar,
Porque assim ouvi fallar,
Um premio foi promettido.

Depois de muito esperar,
De muitas glozas fazer
Tive de alegrar-me e ver....
Que o premio se hia dar;
Disse então vai-se acabar,
Vai se dar, fim ao glozado,
Pois que venceo o cazado,
O Diniz já vem trázer
Ah! esperem.... querem ver....
Mas alguem ficou logrado...

Deixei passar mais tres dias,
Inda com o premio na mira,
Tornando afinar a Lira
Cantei umas Geremias,
Do Diniz as agonias....
Mas o estro sossobrou-se,
De uma vez afundou-se
A pendenga sem saber-se,
Quem tal premio recebesse
Na questão que ventilou-se.

Depois vi que o tal Diniz
Por fim sempre me logrou
Foi quem o premio chuchou.
Segundo o que o vulgo diz:
Conheci ser infeliz
Em ter-me nisto ocupado,
Afinal fiquei logrado
Sem a tal cocada pura:
Irra ! que isto é que é buxa!
Entre o solteiro e o cazado.

C.S.F.

OUTRA.

Quixote no rucinante
Fazia mil diabrumas,
Pescava muitas frossuras
Sobre o monte d'Atlante.
Sancho que era chibante,
Nas armas apercebido
Com caniço bem comprido
Fisgava alguma sardinha...
Por coçar a carapinha
Um premio foi promettido.

Cesar não foi dos pimpões,
Que Bruto lhe deo na cuia:
Que não faria um tapuia
De esporas de camarões ? !
Na quaresma ha sermões
Para o taful namorado :
Um frango qu' é bem assado
Requer um copo de vinho :
Eu bebi um martelinho
Mas alguem ficou mamado.

Urquiza, sim é guerreiro
De força e valor nas unhas
Porem valerão-lhe as cunhas (*)
Quando não, era brejeiro.
O Rozas, lobo matreiro
No vapor sempre safou-se :
O diabo foi o couce
Que levou mesmo na fama
Se não estava de cama
Na questão que ventilou-se

Pluto Deos, do calor,
Sc è verdade o que se diz :
Acrosticou c'o Diniz
A Ilha do Governador.
Porem do Averno o vapor
Fez ao Diniz corcovado :
De raiva seo alliedo
Tirou-lhe todo o bestunto
Para glozar o assumpto
Entre o solteiro e o cazado.

D.R

(*) Forças auxiliares.

MISCELLANEA

Os allegadores de cavallos que tem ferreiros em casa, não pregarem com cuspo os sapatos de *sua gente* para não escorregarem e atirarem de ventas ao vento com os pobres freguezes; pois é triste pagarem e ainda em si ma quebrarem os ossos, como ha dias acontece. Isto é porque em algumas coxeiras dão alpista aos cavallos e assim elles sofrem do peito.

— Um individuo que nada é e nada pode ser e nada foi, lendo um artigo ultimo desta folha disse que estava *asqueroso* (termo muito usado por este sujeito, perguntamos se elle sabe, o que significa essa palavra? Outro, diz que a folha publica sempre a mesma couza!; e esta ora o diabo que os entenda... A fallar a verdade aquelle primeiro não é tolo, diz muito falla de todos, critica de tudo, e de si ainda nada adeo. Oh! faz muito bem, assim não podem avaliar o seo bistundo.

— Temos de lastimar que se multipliquem os suicídios. Não se pode bem classificar as causas e os efeitos de semelhantes factos, Um caixeiro de um nosso amigo, acaba de tentar contra sua vida, com um tiro no onvido. Bem se pode dizer que semelhantes actos quasi sempre são filhos de uma alma pouco religiosa e de um ente fraco; com tudo se neste momento deixou inteiramente de existir, roguemos por sua alma para que descanse em paz.

CHARADAS.

Isto diz o arrieiro
P'ra fazer parar as bestas— 1

Sou caminho muito estreito
Cujas syllabas são estas— 3

Em palacio tive outr'ora
Poderes illimitados,
Muitos comigo ficavão
Ora bem, ora zangados.

M. S.